

Oscar Calavia  
(UFSC)

Jean-Pierre Chaumeil é bem conhecido pelas suas pesquisas sobre os Yagua da Amazônia peruana, e em particular sobre o seu xamanismo, que foram origem de *Voir, savoir, pouvoir*, de 1983<sup>1</sup>, uma das primeiras e mais ricas monografias dedicadas a esse assunto. Mas é conhecido igualmente por um tipo de trabalho que, a despeito da ênfase teórica da etnologia atual, continua a ser o signo de identidade dessa disciplina: o panorama comparativo. A Jean-Pierre Chaumeil, como autor ou organizador, deve-se uma longa lista de publicações sobre os dardos xamânicos, os sistemas de notação do tipo “quipu”, as máscaras, as flautas sagradas... (note-se, aliás, que estamos a falar de *objetos*) que percorrem o mundo ameríndio mostrando conexões e contrastes. Qualificam-no para isso sua familiaridade com o mundo dos museus, e sua condição de leitor e de colecionador voraz: sua biblioteca pessoal, especializada na etnologia e na história amazônicas, é justamente invejada entre os colegas.

O artigo cuja tradução publica hoje a revista Campos é mais um desses textos panorâmicos, e o seu título original, tomado da engenharia, sugere também, discretamente, uma coleção de *objetos*. A “geometria variável” não é - ou não é só - como seria fácil pensar, uma homenagem ao gosto lévi-straussiano pela geometria e pela variação, mas uma alusão a determinadas máquinas, em particular aviões ou turbinas, capazes de modificar sua estrutura para dar conta de diferentes funções: por exemplo, asas de aeronaves que podem modificar seu ângulo de abertura para melhorar as condições de decolagem ou aterrissagem. A metáfora é por várias razões adequada quando se trata de xamanismo. Não já porque voar tenha sido uma das capacidades extraordinárias atribuídas frequentemente aos xamãs, ou pelo interesse que os xamãs demonstram pela tecnologia, do qual o artigo dá alguns exemplos surpreendentes. Há uma outra razão menos explícita, que aponta para a possibilidade de entender o xamanismo não como um conceito ou uma categoria mas como uma *máquina*.

O artigo se apresenta como uma revisão da bibliografia então recente sobre o xamanismo na Amazônia, ou mais exatamente sobre o que poderíamos chamar suas versões híbridas. Sem outras pretensões; mas essa revisão despreziosa tem algumas implicações notáveis.

De um lado, ela dá testemunho de uma mudança no modo de abordar o xamanismo, que se fez perceptível na segunda metade dos anos noventa, e na qual o próprio Chaumeil teve papel importante. Até lá os pesquisadores mostravam um grande empenho em *definir* o xamanismo. Ou seja, em testar a aplicabilidade de um conceito nativo de um certo povo da Sibéria a práticas espalhadas pelo mundo afora; nessa busca, multiplicavam-se os casos similares, mas também as diferenças que impediam unificá-los dentro de uma categoria consistente. Urgia depurar um xamanismo “propriamente dito” de toda aderência; o xamanismo deveria ser separado da religião, em especial das religiões dos colonizadores; o xamanismo - prática de povos caçadores - deveria ser diferenciado também das mil variantes da magia praticada nos campos e nas cidades do globo; o xamanismo, técnica de êxtase, da viagem espiritual, não poderia ser misturado com essa intrusão dos espíritos na trama social que nos encontramos nos cultos africanos ou nos derivados do espiritismo. O xamanismo, enfim - o xamanismo verdadeiro, uma tradição com raízes profundas nas culturas indígenas - não podia ser amalgamado com o produto de uma plêiade multiétnica de charlatões, homens-da-cobra das periferias ou neo-xamãs a serviço de uma classe média à procura de transcendência.

Em meados dos anos noventa, estava já claro que nenhum perfil do conceito de xamanismo chegaria a vingar com todos esses requisitos. Cabia, então, abandoná-lo, como mais um desses falsos problemas que a antropologia acabou por tornar real. Ou optar, como faz aqui Chaumeil, por uma abordagem histórica e genealógica, em que o conceito de xamanismo, com toda a sua indefinição e sua impureza, serve de guia e não mais como item taxonômico.

Serve, em primeiro lugar, para entender a religião ou as religiões que se aclimatam ou se criam no mundo indígena. No caso, o xamanismo substitui com vantagem o velho conceito de sincretismo, porquanto aponta não apenas para uma hibridação como também para os seus agentes; longe de ser sempre os antagonistas - vitoriosos ou derrotados - das religiões importadas, os xamãs têm sido com frequência, como mostra Chaumeil, seus recriadores, assumindo com destreza, e com um grau considerável de liberdade, funções de sacerdote ou de profeta.

O hibridismo xamânico não é um acidente, o defeito de um agente marginal que carece de critérios para manter sua própria tradição a salvo de deturpações, e arrasta consigo uma ganga de símbolos ou conceitos alheios mal entendidos. O xamanismo *busca* - e acumula - esses símbolos e esses métodos: como no caso do xamanismo cirúrgico resenhado por Chaumeil, o faz com sistema, captando bem traços importantes do saber alheio. Não se trata de remoçar práticas antigas com um verniz moderno, mas de apropriar-se de saberes/poderes externos: novas e velhas técnicas são mantidas lado a lado, cabe ao xamã ser apenas um rezador, um conhecedor de ervas, um visionário, ou articular várias dessas habilidades. Eis a geometria variável: o que é realmente notável no xamanismo é que, como uma máquina, capaz (à diferença

de um órgão) de integrar novas peças e extensões - Bíblias, baralhos, seringas, livros de São Cipriano, mas também rezas, discursos ecológicos, santos ou moralidades do cristianismo - ele não apenas continue a agir, como acrescenta novas funções às antigas: a cura das aflições ou a guerra espiritual, mas também o ativismo político, ou a representação e a custódia da cultura tradicional... O artigo mostra algo que vinte anos atrás surpreendeu os etnógrafos da Amazônia, ou também de outros lares clássicos do xamanismo como a Sibéria ou o extremo oriente: uma prática antiquíssima, ligada a tudo que desde o neolítico tem sido empurrado a uma posição cada vez mais marginal (a caça, a relação pessoal com os espíritos das outras espécies) enfrentava com jovialidade, e com sucesso, a chegada da globalização.

O xamanismo, como mostra Chaumeil, está nas cidades, mas não como um implemento que os habitantes da floresta teriam guardado na hora de fazer a trouxá e migrar. O xamanismo urbano não é migratório nem residual: a cidade passou há muito tempo a ser a fonte do poder xamânico para os que permanecem na floresta, que devem ir à cidade para absorver lá o saber em sua máxima acepção. Não sem que a floresta seja simultaneamente a fonte do poder xamânico para aqueles que se interessam por ele desde o outro polo: veja-se o caso desse destacado político polonês a que o artigo se refere. E não é esse um caso extravagante ou isolado. Desde a aparição deste artigo, numerosas publicações têm se dedicado a esse xamanismo de geometria e geografia variável. Numa muito recente alude-se discretamente, em nota<sup>2</sup>, ao interesse que práticas oriundas do xamanismo amazônico despertam entre agentes do mercado global de *commodities* e arquitetos de *software* de Silicon Valley. Isso é simetria na prática: ao fascínio dos xamãs pelos poderes e a tecnologia “dos brancos” responde um interesse recíproco vindo do polo dominante da alta tecnologia e da alta finança. Mais do que urbano, o xamanismo virou global; se não é possível definir o xamanismo eludindo esse aspecto, também não é mais possível descrever a civilização global sem essa velha ciência dos caçadores.

---

Oscar Calavia é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

## NOTAS

---

- 1 CHAUMEIL, Jean-Pierre. 1983. *Voir, savoir, pouvoir. Le chamanisme chez les Yagua du Nord-Est péruvien*. Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Existe uma re-edição em espanhol, com acréscimos de interesse: *Ver, saber, poder. Chamanismo de los Yagua de la Amazonía Peruana*. Lima: IFEA-CAAAP, 1998
- 2 LABATE, Beatriz; CAVNAR, Clancy. 2014. *Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond*. 1. ed. New York, NY: Oxford University Press; p. 202